



O Real e o Imaginado em “O Céu de Suely”: Discursos Ambientais e a Representação do Nordeste Brasileiro

The Real and the Imagined in Suely in the Sky: Environmental Discourses and the Representation of Northeastern Brazil

Milena Emilly Feitoza Carvalho

Talhany Cris Ferreira da Conceição

Antônio Cleonildo da Silva Costa

Resumo: Esta pesquisa analisa como o processo de construção histórica contribuiu para a consolidação de estereótipos associados ao Nordeste brasileiro. O objetivo é investigar de que maneira o filme “O Céu de Suely” dialoga com discursos históricos que estigmatizam a região, examinando como seus elementos visuais e narrativos representam a Caatinga e o território nordestino, reforçando, tensionando ou ressignificando imaginários sociais sobre o Nordeste. Metodologicamente, o estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e investigativo, fundamentada na análise fílmica da obra e em revisão teórica de autores que discutem a construção discursiva acerca da região, como Albuquerque Júnior (1999), Andrade (2022), Furtado (2007), entre outros. Os procedimentos metodológicos incluem o levantamento bibliográfico, a análise dos recortes fílmicos, enquadramentos e estruturas narrativas do filme, bem como a interpretação dos sentidos produzidos por esses elementos. Espera-se que os resultados contribuam para uma compreensão crítica das representações do Nordeste e da Caatinga no cinema brasileiro, evidenciando o papel do audiovisual na reprodução ou problematização de estigmas historicamente construídos.

Palavras-chave: Nordeste brasileiro; semiárido; construção histórica; cinema; Céu de Suely.

Abstract: This study examines how the historical process of regional construction has contributed to the consolidation of stereotypes associated with Northeastern Brazil. Its objective is to investigate how the film *Suely in the Sky* engages with historical discourses that stigmatize the region by analyzing how its visual and narrative elements represent the Caatinga biome and the Northeastern territory, reinforcing, challenging, or re-signifying social imaginaries about Northeastern Brazil. Methodologically, the study is characterized as qualitative, exploratory, and investigative research, based on film analysis and a theoretical review of authors who discuss the discursive construction of the region, including Albuquerque Júnior (1999), Andrade (2022), and Furtado (2007), among others. The methodological procedures include a literature review, the analysis of selected film scenes, framing, and narrative structures, as well as the interpretation of the meanings produced by these cinematic elements. The findings are expected to contribute to a critical understanding of the representations of Northeastern Brazil and the Caatinga in Brazilian cinema, highlighting the role of audiovisual media in reproducing or problematizing historically constructed stereotypes.

Keywords: Northeastern Brazil; semiarid region; historical construction; cinema; *Suely in the Sky*.

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que tem o espaço global como objeto de estudo, tendo percorrido uma longa trajetória até sua sistematização e solidificação teórico-científica, no final do século XIX. Isso ocorre porque há um ganho de notoriedade, visibilidade e importância para o estudo e desenvolvimento das sociedades, sob influência de diversos estudiosos, como, por exemplo, Alexander von Humboldt, Carl Ritter, Paul Vidal de La Blache e Friedrich Ratzel (Santos, 2002).

É a Geografia que busca analisar os fenômenos da natureza como o clima, o relevo, os desastres naturais e a influência do ser humano na dinâmica de produção das cidades e nos problemas socioambientais. Além do mais, enxerga as disparidades em termos de desenvolvimento social, cultural e econômico, permitindo e influenciando as modificações nas regiões brasileiras, assim como no Brasil.

Nesse contexto, pensar a região Nordeste, em específico, é refletir sobre a importância na construção histórica e formação do Brasil, pois esta parte do Brasil foi um dos primeiros grandes eixos da economia colonial (Furtado, 2007). A referida região é palco de diversidade econômica, social e cultural e é fundamental para a independência do país, que modificou as sociedades desde o período colonial.

Apesar da sua importância, a região Nordeste foi historicamente influenciada por discursos políticos, educacionais e também midiáticos que foram construídos e moldaram, com o passar do tempo, o imaginário social. Através dos interesses políticos e das relações de poder reforçados dia após dia, o Nordeste do atraso e da pobreza, retratado pela seca e miséria, acaba se sobressaindo às inúmeras qualidades desse espaço geográfico.

O presente trabalho nasceu das discussões durante as aulas da Especialização em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido sobre a construção de uma imagem social, histórica e política de um Nordeste pobre e faminto que maltrata sua população, não permitindo-a prosperar. Imagem essa que foi construída, disseminada e fomentada durante séculos por todo o Brasil e o mundo.

Partindo dessa perspectiva, torna-se relevante a investigação de produções audiovisuais contemporâneas que dialoguem com esses discursos históricos. O filme “O céu de Suely” foi escolhido para objeto de análise desta pesquisa devido à sua capacidade de retratar experiências cotidianas, afetivas e territoriais no interior do Nordeste que representa. Seu conteúdo tensiona e reforça os imaginários sociais cristalizados sobre os sujeitos e a região. Pelo contexto que se apresenta, este trabalho reside na capacidade de articulação entre a leitura crítica dos discursos históricos que inventaram e moldaram o Nordeste como espaço de marginalidades e a análise multimodal dos cinemas.

Esta pesquisa fomenta debates sobre representações, identidade e território, auxiliando a desconstrução de estigmas historicamente construídos e associados ao Nordeste brasileiro e pela aptidão de provocar reflexões críticas sobre o papel da cultura e dos meios multimodais na manutenção ou indagações sobre desigualdades regionais, evidenciando possibilidades de ressignificação dos imaginários sociais e leituras mais sensíveis, críticas e, sobretudo, plurais da Caatinga e do Semiárido.

Pensando nisso, este escrito está fundamentado na crítica da construção histórica e da formação do Brasil, baseado nos autores Albuquerque Júnior (1999) e Celso Furtado (2007). Ambos os teóricos discutem como o processo de construção histórica impactou fortemente os estereótipos relacionados ao Nordeste brasileiro, contribuindo para o que chamaram de “invenção do Nordeste”.

O presente escrito é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, documental e analítico-interpretativa, baseada nos autores que refletem e debatem a temática proposta. A investigação focaliza cenas imagéticas da obra cinematográfica “O céu de Suely”. Os recortes fílmicos têm capacidade de despertar o senso crítico, reflexivo, atuante e determinante à sociedade e ao mundo, dada a observação das muitas facetas que esse recurso proporciona, seja pela marcação do tempo em que se passam, vestimentas, culturas e personagens. Esses aspectos possibilitam a discussão acerca dos estereótipos relacionados à região Nordeste.

Isto posto, torna-se oportuna a apresentação do norte desta pesquisa acerca do critério teórico-metodológico de análise. A investigação analisa recortes do filme “O céu de Suely”, os quais dialogam com a construção histórica dos discursos que estigmatizam o Nordeste, apontam para elementos multimodais e como estes representam a caatinga e reforçam, tensionam e/ou ressignificam imaginários sociais associados ao Nordeste.

Ademais, de maneira específica, busca-se contextualizar historicamente como os discursos influenciam na constituição de imagens do Nordeste como espaço de atraso, pobreza e marginalidade; analisar, a partir de uma abordagem multimodal, como o filme “O céu de Suely” constrói a narrativa simbólica da representação da caatinga e do território nordestino; examinar como os elementos constitutivos do filme reforçam, contestam ou ressignificam discursos históricos sobre identidade nordestina, territorialidade e representações do Semiárido e da Caatinga.

A pesquisa se desenvolverá a partir do embasamento teórico, baseado em autores que refletem e debatem a temática proposta. Em seguida, discussão acerca das imagens do filme “O céu de Suely”. Logo após, reflexões, análises e sistematizações dos resultados encontrados que podem ser apreciados à luz do discurso que ora suscitam. Em termos de estruturação da escrita deste trabalho, primeiro há a contextualização dos discursos que influenciam a imagem do Nordeste. Em seguida, abordagem multimodal a partir do filme “O céu de Suely” e como está construída a representação da Caatinga e do território nordestino. E, por fim, a discussão de como os elementos constitutivos contestam, reforçam ou ressignificam discursos históricos sobre o Nordeste e o Semiárido.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e analítico-interpretativa, cujo foco central debruça-se sobre a investigação de discursos e representações do Nordeste e da Caatinga brasileira através, principalmente, da análise de recortes selecionados do filme “O Céu de Suely” (2006), dirigido por

Karim Aïnouz. A presente discussão é norteadada pelos escritos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999) em seu livro “A invenção do Nordeste” e Matheus José Pessoa de Andrade (2022) em “O sertão é coisa de cinema”.

Foi definido o uso da abordagem qualitativa pelas possibilidades de aprofundar-se, compreender e interpretar nos contextos históricos, políticos, sociais e culturais, discursos, representações, construções simbólicas, imagens e sentidos que hoje moldam o Nordeste no imaginário populacional do País. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 34), a pesquisa qualitativa “é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político, econômico”.

Nesse contexto, busca-se entender, através desse estudo, como os imaginários sociais sobre o Nordeste são construídos, reproduzidos ou tensionados, especialmente por meio de produções audiovisuais e disseminados pelo meio midiático. Então, a perspectiva qualitativa acaba possibilitando reflexões sobre os fenômenos que envolvem a visão construída sobre os nordestinos e o seu respectivo espaço geográfico.

A pesquisa, nessa vertente, utilizou três principais eixos metodológicos. O primeiro deles foi a pesquisa bibliográfica que, na concepção de Gil (2008), faz um levantamento de autores para fundamentar a discussão analítica. Acompanhando esse raciocínio, há um levantamento bibliográfico de produções acadêmicas que discutem o tema de interesse. Entre os autores utilizados, foram selecionados dois como base para a análise dos discursos existentes sobre o Nordeste, sendo eles: Albuquerque Júnior (1999), especialmente no que se refere à noção de “invenção do Nordeste”, e Andrade (2022) em “O sertão é coisa de cinema”, os quais contribuem com considerações sobre os meios audiovisuais midiáticos na construção e disseminação do Sertão brasileiro. Ademais, foram utilizados também outros autores(as) e literaturas para corroborar e dialogar com perspectivas críticas a respeito da temática.

O segundo eixo metodológico foi a análise documental e audiovisual. Prodanov e Ernani (2013, p. 55) reforçam que a análise documental “baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. O filme “O Céu de Suely” constitui-se como objeto de análise da pesquisa, entendido no contexto, como artefato cultural e discursivo que produz, difunde e veicula representações sobre os sujeitos e o território nordestino. A análise do filme deu-se através de elementos da multimodalidade, dentre eles os elementos visuais (paisagens, enquadramentos, iluminação, cenários) e narrativos (enredo, construção dos personagens, conflitos). Em seguida, foram analisadas partes do filme; realizadas anotações de cenas e sequências; e escolhidos as imagens, cenas e diálogos do filme que foram mencionados e discutidos no decorrer do trabalho.

Por fim, o terceiro eixo foi a análise interpretativa dos discursos que constitui a interpretação crítica dos dados levantados. Pelo que orienta Demo (2000), esse procedimento, na perspectiva científica, permite fazer inferências interpretativas sobre o conteúdo temático abordado. Pelo que se observa, há, pois, articulação

entre os discursos históricos e teóricos evidenciados na revisão bibliográfica e as representações identificadas e construídas a partir do filme. Desse modo, essa pesquisa tenta identificar se o filme reforça e/ou problematiza os estigmas associados ao Nordeste e à Caatinga, especialmente aqueles ligados à pobreza, à marginalidade e à aridez. O confronto entre teoria e obra cinematográfica permitiu compreender o cinema como espaço de disputa simbólica, capaz tanto de reproduzir quanto de questionar narrativas consolidadas por meio das prerrogativas analítico-interpretativas.

A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO NORDESTE: IMAGENS, ESTIGMAS E PODER

A Geografia tem papel fundamental no contexto educacional com o objetivo de compreender o mundo, as relações do ser humano e a natureza como sujeito determinante e determinado, que transforma a natureza e, ao mesmo tempo, é transformado por ela. É responsável por compreender e desvendar mazelas sociais presentes fortemente na sociedade contemporânea.

A partir desse referente, o Nordeste brasileiro se revela como uma das regiões do país mais extensas e heterogêneas, sobressaindo-se por suas paisagens multifacetadas, expressões culturais e formas de ocupação que marcaram sua construção e as formas de convivência de sua população. Dentre essas paisagens, destaca-se o Semiárido Nordestino, por suas características climáticas e ambientais e pelo papel que representa para a região e na construção histórica. O semiárido nordestino é o mais densamente povoado do mundo, vez que se estende pelos nove estados da região Nordeste, até a parte setentrional de Minas Gerais, englobando milhares de municípios, representando 15,2% do país, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Asa Brasil, s.d.)

Partindo do olhar físico, o Semiárido Nordestino possui pluviosidade escassa e irregular, altas temperaturas e forte insolação, gerando uma vegetação adaptada a essas condições e um solo marcado por elas. “A irregularidade no regime pluviométrico, acompanhada pelo intenso calor, resulta em elevadas taxas de evapotranspiração potencial e real, as quais reduzem a umidade do solo e a quantidade de água armazenada nos reservatórios” (EMBRAPA, 2021, p.26).

A escassez hídrica, associada à variabilidade climática e às condições naturais, comete a região de particularidades tão distintas que impactam imediatamente a população que nela convive. Esses povos desenvolveram ao longo do tempo práticas de convivência com as condições climáticas e naturais, estratégias de resistência e formas de organização espacial, sociais e políticas, tornando o Nordeste um espaço de produção de saberes e ressignificação que excepcionalmente é reconhecido nos discursos hegemônicos que passaram a representar a região.

Mesmo com tais condições climáticas, a Região Nordeste já foi a mais importante do país, mantendo essa posição durante quase dois séculos, desde a ocupação portuguesa no período colonial, destacando-se como a principal área de

produção açucareira, geração de riqueza, estabelecimento dos primeiros núcleos e estruturas políticas (Furtado, 2007). Apesar do declínio da economia açucareira e da desaceleração do crescimento regional, a mesma continuou seu desenvolvimento nos séculos seguintes, diversificando suas atividades produtivas, evidenciando que as desigualdades regionais não podem ser explicadas exclusivamente por meio de fatores climáticos ou naturais.

Assim, a associação da região Nordeste à seca, pobreza e atraso deu-se por volta do final do século XIX, mas intensificou-se no século XX, por intermédio da construção de discursos regionalistas que foram disseminados através das mídias, não de forma espontânea, mas sim como resultado de interesses políticos, econômicos e simbólicos que transformaram o semiárido em um problema nacional. Consoante Albuquerque Júnior (1999), “O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área.” (Albuquerque Júnior, 1999, p. 81).

Esse processo está intrinsecamente ligado à consolidação de um projeto regionalista, que passa a definir o Nordeste como região singularizada por suas carências, em contraponto à imagem do Sul e Sudeste do país, que remete ao progresso, à industrialização e à modernidade. Assim, a criação da identidade nordestina dá-se de forma relacional, posicionando o Nordeste como contraponto simbólico das demais regiões, o qual as próprias elites políticas e econômicas nordestinas contribuíram para reforçar, usando como estratégia para atrair investimentos, recursos e atenção do Estado para a região, o que levou à criação de diversos órgãos públicos e projetos que visavam combater a seca no Nordeste (Albuquerque Júnior, 1999).

Os meios de comunicação, e especialmente a televisão e o cinema, tiveram um papel decisivo na produção e circulação dos imaginários regionais que sustentam e reforçam os discursos regionalistas. As imagens cinematográficas contribuíram para fixar certas leituras sobre o Nordeste, transformando o sertão e o Semiárido em cenários de escassez, sofrimento e excepcionalidade social. O cinema utiliza a linguagem visual e narrativa de amplo alcance, não apenas para refletir discursos já existentes, mas também participa conscientemente de sua construção, selecionando paisagens, temáticas, personagens e conflitos que passam a representar a região homogeneamente. Esse contexto é reforçado na ideia a seguir:

Na busca da temática do Nordeste, os cineastas brasileiros, na maioria das vezes, recorrem a uma imagem sobre a região vista a partir da seca e estabelecem-na, difundindo tal discurso nacionalmente. Reafirma-se e estabelece-se um ponto de vista sobre a região, fixado no imaginário coletivo, a partir do interesse das elites regionais. Os cineastas brasileiros vão ao Nordeste filmar aquela realidade do Sertão, em grande parte de seus filmes, buscando a dramatização daquele espaço tórrido. Este é o Nordeste no cinema (Andrade, 2013, p. 22).

A recorrência dessas representações contribui para uma imagem homogeneizada do Nordeste, apagando as individualidades e diferenças internas das regiões e minimizando a complexidade das dinâmicas socioculturais e, ao reafirmar a cristalização desse cenário, afirma também estereótipos, marcados pela inserção do discurso simbólico. Como podemos observar:

[...] Os estereótipos servem como canais para a expressão da direção – positiva ou negativa – ou para a expressão de intensidade de um determinado comportamento individual ou grupal, pois eles são úteis como guias para modelos potenciais de comportamento, uma vez que as atitudes expressas antecipam um comportamento e possibilitam a construção de inferências (Lobo, 2004, p. 3)

O fato de desejar ser algo ou construir uma identidade de sujeito em um dado tempo ou espaço está diretamente ligado à questão da representação simbólica que, de maneira direta ou indireta, vincula-se aos estereótipos. Nesse contexto, o cinema auxilia na consolidação de um repertório simbólico no qual o Nordeste aparece como um “outro” interno à nação, marcado pela falta e pela dependência. Como consequência dessa produção imagética, outros campos são influenciados para além do cultural, impactando políticas públicas, práticas educativas e percepções sociais de uma região e sua população, tanto dentro quanto fora desse espaço geográfico. Simultaneamente, é no espaço cinematográfico que também irrompem obras capazes de desmistificar e tensionar estigmas, constatando que o campo cinematográfico opera como espaço de disputas discursivas e ressignificações.

Não podemos, ademais, esquecer da ideia discursiva sustentada por Bakhtin (2011) por meio da qual defende o estilo como uma unidade de tensão. Para o pensador, “o estilo não pode ser casual” (Bakhtin, 2011, p. 186), pois este, além de abordar o campo da arte, tem a missão primeira de, a partir de uma visão de mundo, chegar à elaboração do material. Com esse entendimento, o cinema passa a ser produto de um recorte de realidade não casual, mas cheio de intencionalidades em um dado contexto, materializado por relações de poder.

O poder não nasce apenas da relação entre o estilo e o conteúdo. Para além disso, as relações hierárquicas conflituosas emergem das representações de espaços, liberdades, proibições, silenciamentos, evidências de reivindicações e marcas do tempo. Foucault (2008) não nos deixa esquecer as batalhas travadas no interior dos discursos. O autor nos faz lembrar ainda as vontades de verdade que estão presentes nos mais diversos contextos das modalidades enunciativas.

O exposto condiciona pensar o cinema como um campo enunciativo propício para a discussão voltada à representatividade discursiva. Esses campos simbólicos que ora trazem a região Nordeste como um recorte de realidade, projetado na arte cinematográfica, permitem enxergarmos os estereótipos atrelados às escolhas cênicas do filme “O céu de Suely”, bem como as relações de poder intrínsecas às imagens selecionadas para serem analisadas.

O CINEMA E A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NA OBRA “O CÉU DE SUELY”

O filme é uma forma de arte e, como tal, tem por objetivo expressar algo que não pode ser dito somente por palavras, pois envolve sentimentos, desejos, sentidos, emoções, retratos, imagens e a reprodução de histórias que proporcionam realidades diversificadas e, ao mesmo tempo, tão próximas, com o seu movimento e a ludicidade (Conceição, 2024).

Desse modo, muitos estudos apontam que o cinema não é um recurso atual. Pelo contrário, é antigo, surge no final do século XIX pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, inicialmente com imagens em preto e branco e sem a presença de som, o que já chamava a atenção dos telespectadores na tela do cinema ou da televisão. Sobre isso, Silva (2013, p. 19) menciona que:

[...] em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos no fim do século XIX foram-se acentuando as pesquisas para a produção de imagens em movimento. Desde então, os cientistas e artistas não mediram esforços para reproduzir a realidade com meios artificiais. Com o passar dos anos, cineastas criaram novas técnicas de filmagem, expondo novas ideias e pensamentos, incentivando tendências e modificando a cultura em diversas sociedades.

Por conseguinte, a produção dos filmes sofreu modificações em razão do constante desenvolvimento das tecnologias. À medida que as diversidades de gêneros, como comédia, ação, romance, suspense e terror, foram surgindo e introduzindo um novo olhar ao cinema, essa arte foi veiculando novas perspectivas de conflitos verossímeis ao contexto em que se propunha.

Decerto, a invenção do cinema estaria ligada ao empresário Thomas A. Edison, inventor do quinetoscópio, que consiste na sequência de imagens que denotam a impressão de movimento e sincronia. Noutras palavras, “a invenção prenunciava o cinema dos Lumière, com a diferença de que as imagens não eram projetadas” (Holleben, 2007, p. 13).

Nesse entendimento, quanto ao surgimento do cinema, entende-se que não existe somente uma forma. Por exemplo, no Brasil, o cinema tornou-se popular, ganhando notoriedade, espaço e importância, principalmente por causa de sua ludicidade. Por esse viés, ainda sobre o surgimento da máquina cinematográfica,

Podemos dizer que a máquina cinematográfica foi uma invenção da burguesia que desde a Revolução Industrial estava transformando a sociedade, as relações de trabalho e de produção. Ela se preocupava com a utilização de instrumentos que facilitassem seu domínio cultural e ideológico e encontrou isso no cinema (Viglus, 2008, p. 12).

Nesse sentido, é nítido que o cinema sempre foi um instrumento de desenvolvimento da produção do trabalho e das relações sociais que acarretam significados em forma de cultura para os sujeitos. Ademais, consiste numa forma de

espalhar aspectos socioculturais de diferentes povos para conhecimento de outras realidades, situações e contextos.

Com efeito, os estudos sobre o surgimento do cinema cresceram gradativamente, sobretudo a partir de estudiosos que tinham o interesse em expandi-lo no mundo. Um fato marcante é a passagem do cinema mudo para o cinema falado, que teve grande repercussão para o seu desenvolvimento. Logo, foi um longo percurso para modernização das estruturas fílmicas, especificamente: falas, sons, imagens e todas as técnicas necessárias para sua projeção.

Hoje, o filme é acessível não apenas na tela de cinema, mas na televisão, no videocassete, em computadores, tablets e celulares, e tem otimizadas oportunidades de acesso até mesmo às classes menos favorecidas, dadas as inúmeras possibilidades de assistir a histórias semelhantes ou diferentes das suas, por meio de aparelhos tecnológicos diversos e acessíveis.

Nesse contexto, as obras fílmicas são fundamentais no viés cultural, social e educacional, pois representam uma forma de arte que desenvolve uma expressão e visão de mundo através dos elementos visuais e discursivos. As narrativas possibilitam entender melhor o mundo e, diversas vezes, as problemáticas existentes. As obras cinematográficas também podem e devem ser utilizadas na tentativa de desmistificar estereótipos, como é o caso dos apregoados ao Nordeste brasileiro.

Desse modo, “Dá-se, assim, o nascimento do rosto de uma região sobre a qual – na busca de compreendê-la – mais se refletiu acerca de seus problemas do que por suas virtudes.” (Andrade, 2022, p. 11). A partir daí, surge a influência de obras fílmicas que passaram a contribuir para a disseminação de enredos, personagens e condições de vida da população que, muitas vezes, não condizem com a realidade publicizada pelos discursos de poder.

As obras fílmicas sobre a região Nordeste tendem a estratificar uma identidade relacionada à miséria, à pobreza e à seca. Tendem a omitir a diversidade cultural, as riquezas naturais, o desenvolvimento social e econômico e as condições de vida da população nordestina que, em meio ao descaso por parte de alguns gestores e às condições naturais de estiagem, busca meios de viver e sobreviver.

O filme “O céu de Suely” representa o sertão do município de Iguatu no Estado do Ceará e apresenta um sertão estagnado com poucas oportunidades de crescimento profissional. A protagonista Hermila não possui sentimentos de pertencimento ao lugar onde vive. Para ela, aquele espaço não é o seu lugar e, por isso, precisa sair para conquistar o seu reconhecimento. Para a personagem, aquele lugar limita seus sonhos. Hermila necessita encontrar oportunidades e facilidades que não consegue vislumbrar vivendo naquela pequena porção do Ceará.

O espaço em que a jovem protagonista habita apresenta, segundo sua ótica, muitas limitações, relacionadas às oportunidades de trabalho. Sua percepção sobre o ambiente que a cerca constata que o problema não está no fenômeno natural da seca, apenas, mas na falta de investimentos no município e na região Nordeste. Sobre isso, Albuquerque Júnior (1999) reforça que a referida região é reconhecida

como resultado de um discurso negativo que fora criado, solidificado e perpassado ao longo do tempo, o qual se tornou preconceituoso e excludente.

Diante disso, a obra fílmica também caracteriza a região Nordeste como ela de fato se projeta fisicamente, o céu aberto, a diversidade da vegetação, mas com destaque para a Caatinga e os relevos. O Nordeste é representado com uma identidade forte e única do ponto de vista de sua caracterização geográfica. Além do mais, há a projeção dos espaços urbanos e a modernização na construção das casas e dos comércios. No mesmo cenário, surgem o trabalho dos mototaxistas e a execução dos programas populares de políticas governamentais.

O filme exhibe as belezas naturais e mostra a região Nordeste não só como um ambiente de atraso, mas como um espaço de experiências, culturas e identidades de uma população humanizada, afetuosa, solidária que busca forças apesar dos descasos da gestão pública. Para viver e sobreviver numa região estereotipada pelo estereótipo da regressão e pela dependência sociopolítica, uma visão simplista do Nordeste, é preciso ressaltar as diversidades de riquezas de um povo que é visto como “vítima”, buscando ressignificar as condições de vida.

Logo, como é exibido no filme, há a luta da personagem Hermila, que não enxerga possibilidades para ela própria e para sua família viverem dignamente, sendo necessário migrarem para a “cidade grande”. Na ficção, precisam encontrar melhores oportunidades de segurança, trabalho e saúde. Ao migrar para a cidade de São Paulo, Hermila encontra-se frustrada por não conseguir o que tanto buscava, sentindo vontade de retornar para Iguatu, onde, apesar de ser um lugar de carências, seria possível encontrar a pretensa felicidade. O filme, nessa perspectiva, mostra a resistência e a luta da personagem em busca de uma vida digna.

SUJEITO, TERRITÓRIO E DISCURSO EM “O CÉU DE SUELY”

O filme “O Céu de Suely” foi lançado no ano de 2006, possui duração de 1h28min, pertence ao gênero drama e tem classificação indicativa para maiores de 16 anos. Produzida e exibida no Brasil, a obra foi dirigida por Karim Aïnouz e teve o roteiro assinado por Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias. O elenco é composto por Hermila Guedes, João Miguel, Maria Menezes, Zezita Matos e Georgina Castro. Atualmente, o filme pode ser encontrado para exibição em plataformas como Netflix e Globoplay. Sua estreia ocorreu na mostra Orizzonti do Festival de Veneza, sendo contemplado e premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, a APCA, e pelo Festival do Rio nas categorias melhor filme, melhor diretor e melhor atriz. Conquistou, ainda, o Prêmio da Fipresci de melhor filme no Festival Internacional de Salônica, na Grécia.

A história do filme retrata a vida de Hermila Guedes, jovem de 21 anos que se viu obrigada a retornar de São Paulo, após dois anos morando na grande metrópole, para sua cidade natal, Iguatu, no interior do Ceará, devido a questões financeiras. Forçada pela situação a deixar Mateus, sua paixão, e voltar para sua terra natal com o seu filho Mateuzinho no colo. O marido devia se juntar a eles em seguida, mas

Hermila percebe que isso não acontecerá. Vivendo com a avó e a tia Maria, tenta sobreviver através de trabalhos informais, como vendedora de rifas de uísque ou frentista em um posto de gasolina.

Mesmo reencontrando João, antigo namorado que ainda lhe devotava sentimentos, e vivendo momentos divertidos com a tia e a amiga Georgina, Hermila não se adapta mais a Iguatu e decide ir embora novamente. Para conseguir dinheiro e viajar para Porto Alegre, cria a rifa “Uma noite no paraíso com Suely”, uma espécie de sorteio de uma noite de sexo com ela. Ao assumir a identidade fictícia de “Suely”, ficaria isenta de taxas e preconceitos do povo daquele lugar, preservando as prerrogativas dos regramentos sociais de sua família.

O filme constrói uma narrativa que mostra a convivência tensa no sertão nordestino entre as tradições e a modernidade, as quais se entrelaçam. É nessa justaposição que se evidencia a dinamicidade da configuração do sujeito marcado por convenções sociais. O sujeito, como lembra Jonathan Culler (1999), é ator ou agente e está imerso em uma subjetividade livre de sujeito e/ou de sujeitoado. O cenário traz um espaço simbólico onde práticas tradicionais, vínculos familiares e códigos morais rígidos coexistem com elementos da cultura moderna e urbana, do consumo e dos desejos.

As tensões vividas por Hermila, no decorrer da trama, demonstram as expectativas sobre o casamento, a maternidade e a permanência em seu espaço de origem. No entanto, a protagonista não reconhece esse lugar, uma vez que suas ações são regidas e atravessadas pelo sentimento de não-pertencimento ao buscar, de todas as formas, deixar aquele lugar. Para ela, a possibilidade de prosperidade encontra-se em um centro urbano, longe dali. Revela, para além do sentimento de não pertencimento, também a subversão da própria identidade e formas de resistência.

Sobre a percepção de Albuquerque Júnior (1999) acerca da identidade, notamos que:

A questão da identidade nacional põe, na ordem do dia, a questão das diferentes identidades regionais no país, que deviam ser destruídas para uns e reafirmadas para outros, já que para a visão moderna a identidade é uma essência que se opõe à diferença, vista como superficial, ela é um “ser”, uma função invisível e central (Albuquerque Júnior (1999, p. 62)

O discurso identitário é, pois, fundante para a condição humana, sobretudo na tradição e na modernidade dos tempos. Como completa Bauman (2004, p. 22), “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas.”. À luz deste pensamento, a identidade da nordestina nas cenas do filme supracitado revela a complexidade do sujeito em se encontrar a partir do lugar que passa a ocupar. Essa é a visão de configuração do ser na modernidade em que o filme se contextualiza.

Assim sendo, a obra cinematográfica “O Céu de Suely” possui uma inter-relação com a geografia, pois apresenta o lugar e o não lugar. O lugar seria o espaço geográfico que ocupamos. Já o não-lugar sugere a medida da época vivida,

espaços provisórios e fugidios que mobilizam “[...] o espaço terrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo” (Augé, 1994, p. 75).

Na discussão que se molda, voltamos os olhares à protagonista a qual nasceu e cresceu no município de Iguatu. Entretanto, motivada por uma paixão, decide deixar o local de origem para viver na metrópole, São Paulo. Apesar dos desafios vivenciados por ela na “cidade grande”, volta para sua terra natal. De volta ao Nordeste, não consegue mais se adaptar ao local, desvinculando suas raízes e identidade construídas ao longo do tempo. A emergente necessidade de mudança é uma das prerrogativas do não-lugar na vida de Hermila. O fato é que esta não se localiza no espaço geográfico, pois sua busca simbólica é interna, inquietante e urgente.

Isto posto, podem ser observados na obra as ruas vazias, estreitas, o aspecto seco do sertão, aridez, além da solidão que Hermila encontra nas ruas. Existe também a solidão interiorizada pela frustração de uma vida com poucas possibilidades e pela perda do seu grande amor, como mostra a Imagem 1.

Imagem 1 - O não lugar da protagonista.



Fonte: O Céu de Suely, 2006.

A cena mostra a protagonista, após ser abandonada pelo seu grande amor e decepcionada com Iguatu, indo embora sozinha para outro lugar que constitui seu sujeito, que a reterritorializa novamente. Ao abandonar a família, lugar de origem e o próprio filho, que fica com a avó de Hermila, a nova Suely aspira progresso e novas realizações. Sendo assim, o filme exhibe o processo de desterritorialização vivenciado por Suely, que, a partir da rifa, prefere ser chamada. Vive uma “geografia de fuga”, buscando melhores condições de vida; sai de sua cidade para sobreviver em outro local.

Esse movimento de inquietação vai refletir em uma nova identidade social. Buscar se adaptar a outro local diferente e longe de seus familiares demonstra que o lugar que deveria ser identidade e representatividade não lhe disponibiliza o suficiente para uma vida digna e que possa lhe trazer completude. Sujeitos como a protagonista acima mencionada buscam, quando podem, se desterritorializar na procura de anseios próprios; de subjetividades não presas à inércia dos

acontecimentos. Guattari e Rounik (2011) esclarecem sobre o processo de desterritorialização, entendendo-o da seguinte forma:

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios 'originais' se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (Guattari; Rounik, 2011, p. 388).

A desterritorialização produz agenciamentos que mudam de direção, especialmente no que se refere ao plano de ordenamento prévio, o qual condicionou-se a adotar por padrão. São linhas de fuga criadas quando o sistema maquínico já não dá conta dos anseios e desejos dos que estão territorializados. A figura feminina que se desterritorializa no filme busca uma realidade identitária própria a qual não atende aos padrões esperados ou indicados pela sociedade ao seu redor.

Por conseguinte, identidade não é algo imutável, mas um processo dinâmico que envolve elementos psicológicos, biológicos e sociais. Para além da identidade pessoal, também existe a social que se manifesta a partir do pertencimento a grupos e vivências coletivas, os lugares onde o indivíduo nasceu ou viveu são referências basilares indispensáveis para a construção identitária (Cavalcante; Elali, 2011).

Ainda segundo Cavalcante e Elali (2011, p.63) "Para que um ambiente seja significativo, é necessário que, de alguma forma, ele satisfaça as necessidades, exigências e desejos dos indivíduos.". No contexto fílmico, a cidade natal da protagonista já não representava seus anseios, sonhos e buscas, impulsionando Hermila à busca de outro lugar que a preenchesse identitariamente.

As paisagens recorrentes no filme atraem o espectador e possibilitam, ao constatar características do semiárido nordestino, algumas perspectivas imagéticas, uma vez que os elementos da paisagem participam da construção da própria história do lugar e do desenrolar do enredo fílmico. A vegetação característica da caatinga, as ruas quentes e muitas vezes sem calçamento, a arquitetura das casas, o posto de gasolina, as caixas d'água, o comércio local, os trabalhadores informais e os demais espaços unem-se na criação de uma caracterização de um sertão que não é isolado, mas que parece ter voltado no tempo, atravessado por fluxos que integram contradições entre a modernidade e o passado. Isso é representado na Imagem 2 a seguir:

Imagem 2 - Cenário nordestino do filme.

Fonte: O Céu de Suely, 2006.

Os conceitos geográficos de território, lugar e paisagem expõem como a produção do espaço manifesta características sociais dos que ali vivem por intermédio de marcas históricas, culturais, econômicas e políticas. Esse contexto nordestino é apontado por Albuquerque Júnior (1999) da seguinte forma:

Essas figuras, signos, temas que são destacados para preencher a imagem da região impõem-se como verdades pela repetição, o que lhes dá consistência interna e faz com que tal arquivo de imagem e textos possa ser agenciado e vir a compor discursos que partem de paradigmas teóricos e mais diferenciados (Albuquerque Júnior, 1999, p. 62).

A paisagem semiárida, marcada pela vegetação, pelo calor intenso, pela luminosidade constante e pela escassez hídrica, dialoga com os conteúdos geográficos, particularmente, com respeito ao clima, à vegetação e à relação sociedade-natureza-política. O filme também abre espaço para serem discutidos os conceitos de fluxos migratórios, mobilidade populacional e redes urbanas. Componentes como o ônibus, a estrada, o desejo constante de partir e a busca por melhores condições de vida exemplificam no cotidiano esses elementos. Além disso, o deslocamento de Hermila não é apenas físico, mas simbólico, abrindo espaço para reflexão a respeito da construção identitária, do pertencimento e da (des)territorialidade.

Nesse mesmo contexto, Haesbart (2006) reflete sobre o processo de desterritorialização, quando um indivíduo sai de um determinado local, seja qual for o motivo, e ocorre uma perda de identidade e de pertencimento a aquele local, que não é mais um espaço de vivências e experiências sentidas pelo sujeito. O processo de reterritorialização se faz, por vez, por meio de discursos ora silenciosos ora explícitos.

O discurso silencioso do final do filme, em que Hermila segue no ônibus indo embora de Iguatu, demonstra um horizonte que se vai apagando para João, o qual, na tentativa frustrada de trazer sua amada de volta, segue o veículo até não conseguir mais alcançá-lo. O filme corrobora com um discurso silencioso, quase que pausado, até que o ônibus desapareça e permaneça apenas a placa do pátio

de saída da cidade, com o seguinte dizer: “Aqui começa a saudade de Iguatu”, como constatamos na Imagem 3:

Imagem 3 - Cenário nordestino do filme.



Fonte: O Céu de Suely, 2006.

Embora não fique explícito o discurso de alívio de Hermila ao deixar aquele lugar de origem, ela parece levar consigo apenas a saudade da família. Seu semblante de felicidade, por outro lado, revela um discurso intencional que, consciente e/ou inconsciente, pretende deixar o lugar do retrocesso para agenciar um novo recomeço com novas oportunidades de recomeço.

Sobre a perspectiva discursiva, Foucault (2008), no intuito de esclarecer melhor o entendimento que lançamos sobre o conjunto de discursos, constituído também por silêncios, os quais vão além dos próprios enunciados, chega à conclusão de que há de se reconhecer a intenção do sujeito falante, suas atividades conscientes e/ou inconscientes, do que está nos dizeres como quase imperceptível. Trata-se, segundo ele, “de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma” (FOUCAULT, 2008, p. 31).

A finalização do filme com o silêncio da partida reporta aos discursos de sugestão do não dito que são externados por toda a história cênica. A primeira fuga de Hermila para São Paulo, o abandono do pai de seu filho, rifar o próprio corpo e deixar tudo para trás para ir em busca do porvir em outro lugar são ações discursivas silenciosas que moldam o filme “O céu de Suely”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “O céu de Suely” apresenta a possibilidade de utilização interdisciplinar, dialogando com a história, por exemplo, na construção histórica da imagem do Nordeste e das desigualdades regionais no Brasil; com as artes trabalhando fotografia, luz, linguagem cinematográfica e representações da paisagem e com a sociologia e a filosofia ao discutir convenções sociais e normas culturais, gênero, exclusão, entre diversas outras possibilidades.

O supracitado longa-metragem se configura como uma ferramenta pedagógica produtiva que possibilita trabalhar conceitos geográficos, simultaneamente, com reflexões críticas sobre o espaço produzido, reproduzido e vivido. Em decorrência do ensino cobrar constantemente o desenvolvimento de competências e habilidades, como postula a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). O filme permite também um diálogo interdisciplinar com outras áreas, articulando e expandindo conhecimentos e conceitos.

Apesar de apresentar limitações, principalmente em relação à faixa etária de indicação do filme, este oportuniza conhecer o sertão para além de uma localização no mapa, mas sim como um território vívido, carregado de representações, disputas e significados. A protagonista corrobora a configuração de um sujeito que deseja se reterritorializar por entre discursos de silêncios.

Logo, a obra cinematográfica em discussão é fundamental para uma percepção mais reflexiva e crítica sobre as necessidades que levam um indivíduo a sair de seu lugar de pertencimento, que antes era o seu lugar de vivência, experiência, identidade, para se territorializar em outro ambiente com hábitos completamente diferentes e, ainda assim, conseguir se adaptar.

Assim, a obra escancara uma realidade presente na contemporaneidade, como a falta de acesso a políticas públicas e as dificuldades para uma melhor qualidade de vida, mas também a luta, a coragem e a forma de se reinventar de uma mulher que não perde as esperanças, que não se amedronta diante do preconceito e das poucas oportunidades que lhe surgem, buscando, seja como for, encontrar um novo sentido para a felicidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, Matheus. **O sertão é coisa de cinema**. 2. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2022. 53 p. (Série Veredas, 6). ISBN 978-65-86031-55-3. Disponível em: Marca de Fantasia. Acesso em: 1 jul. 2026.

ANDRADE, Rogério Corrêa de. **O sertão é coisa de cinema: imaginário, paisagem e identidade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

ASA BRASIL. **O Semiárido brasileiro**. Articulação Semiárido Brasileiro. Disponível em: <https://asabrasil.org.br/semiariado/> Acesso em: 28 dez. 2025.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da super-modernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução De Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Senado Federal, Consed, 2017.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CONCEIÇÃO, Talhany, Cris. **Os Saberes Docentes e O Uso do Filme Como Recurso Didático nas Aulas de Geografia no Ensino Fundamental II**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE). 2024, P. 122.

CULLER, Jonathan. **Identidade, Identificação e Sujeito**. In: Teoria Literária: uma introdução. Tradução De Sandra Vasconcelos. São Paulo: Produções Culturais Ltda., 1999.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

EMBRAPA. **Semiárido brasileiro: pesquisa, desenvolvimento e inovação**. Brasília: Embrapa, 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/861895/semiario-brasileiro-pesquisa-desenvolvimento-e-inovacao>. Acesso em: 28 dez. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 54.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HOLLEBEN, Índia Mara Aparecida Dalavia de Souza. **Cinema e educação: diálogo possível**. 2007. Programa de Pós-Graduação em Ensino (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Ponta Grossa: Ponta Grossa, 2007. 105p. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

ITAÚ CULTURAL. **O céu de Suely**. Enciclopédia Itaú Cultural. Direção de Karim Aïnouz. Brasil: Videofilmes, 2006. Filme. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/123380-o-ceu-de-suely>. Acesso em: 22 fev. 2026.

LOBO, Júlio César. **Paraibas, Baianos (Análise de representações de migrantes nordestinos em filmes de ficção ambientados nas metrópoles)**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27., 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17729/1/R0739-1.pdf>. Acesso em 20 jun. 2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; ERNANI, Cesar de Freitas. **Metodologia do trabalho científico: métodos da pesquisa e o trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Sandilma Serafim da. **O cinema como recurso didático e pedagógico no ensino de Geografia**. 2013. Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Campina Grande: Cajazeiras, 2013. 51 p. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/12833>. Acesso em: 16 out. 2023.

VIGLUS, Darcy. **História através de filmes: um diferencial na sala de aula**. Caderno pedagógico, PDE, 2008. p. 1-52. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1532-6.pdf> Acesso em: 29 julh. 2022.